

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## ENTRE O ARCO E O CESTO: UMA ABORDAGEM *QUEER OF COLOR CRITIQUE* A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DOS “INDÍGENAS HETEROCENTRADOS” NOS MUSEUS E NA HISTORIOGRAFIA

Jean Baptista  
PPGH/PPGAS/Museologia/ Universidade Federal de Goiás  
[jeantb@hotmail.com](mailto:jeantb@hotmail.com)

O projeto “Entre o Arco e o Cesto”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e de Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás, pensa a História Indígena a partir de uma abordagem *Queer Indigenous Studies*. Ou seja, interpela-se tal História a partir de uma crítica *Queer* aos parâmetros brancos, cis e heterocentrados comumente aplicados ao passado de povos originários.

Trata-se de uma difícil tarefa, permeada de deslizes anacrônicos e riscos de violências epistemológicas, tal qual se vê em qualquer tentativa de aplicar parâmetros analíticos exóticos de modo cru às sociedades e culturas que não pertencem ao universo cristão-ocidental.

Para tal, é preciso compreender que aqui se entende cultura, sociedade e identidade indígena enquanto fenômenos históricos, ao que se vê tais povos a viverem as “novas realidades através da negociação de valores, tradução cultural e da reelaboração”, como bem aponta Daiara SAMPAIO TUKANO (2018, p. 49). Pesa, assim, menos o pensamento de brancos, comumente presos a análises racistas e etnocêntricas, e mais a epistemologia do pensamento ameríndio, mormente “atraído pelas diferenças”, conforme nos lembra Ailton KRENAK (2019), indicando, com isso, sua “abertura ao Outro”, como prefere LÉVI-STRAUSS (1993, p. 14).

Uma vez que entre os povos indígenas importam muito mais os regimes corporais do que órgãos físicos para se definir quais serão seus papéis sociais (ver MCCALLUM, 2013; BELAUNDE, 2015), esses canibalizaram as concepções cristão-ocidentais na colônia e pariram um novo mundo pautado em novas concepções de gênero e sexualidade a caracterizarem o cenário atual latino-americano. Desse modo, o patriarcado de alta intensidade (SEGATO, 2012) próprio da colonização e sua

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

heterossexualidade compulsória, como se demonstrará, era um dos passaportes para este novo mundo, ainda que já não fossem mais o que o ocidente inicialmente sonhou em reproduzir nessas terras.

Sabemos que a categoria de sexualidade, com bem demonstra FOUCAULT, (1999), pertence a contextos sócio-históricos próprios. Do mesmo modo, a categoria de gênero, como demonstra MCCALLUM (2013), pode ser uma verdadeira violência epistemológica quando aplicada aos povos indígenas, uma vez que entre os povos ameríndios não há uma relação isonômica com o ocidental. Afinal, como se vê em estudos antropológicos desde STRATHERN (2006) — e, no caso Guarani, desde Chamorro (2009) — já não restam dúvidas de que as sociedades e culturas possuem seus próprios termos para conceber corporalidades e suas práticas. `

Do ponto de vista da História, cabe apontar que a colonização traz elementos importantes para o debate. A chegada de categorias ocidentais próprias da colonização produziram um conflito mediado pela imposição do cristianismo e da canibalização desse mesmo, fenômeno que resultaria em parte na formação das relações de gênero e sexualidade que caracterizariam a América Latina contemporânea.

O projeto “Entre o Arco e o Cesto” procura justamente investigar este ponto de produção de novos corpos indígenas em pleno universo colonial, não sem pensar seus antecedentes e atualidades. Neste sentido, objetiva demonstrar que a noção de corpos abjetos indígenas é processo próprio da colonização ao mesmo tempo que canibalizado de modo a construir as novas e múltiplas facetas das identidades indígenas a viverem metamorfoses históricas.

O projeto, assim, procura pensar as possíveis implicações da categoria de sexualidade quando aplicada à reflexão histórica sobre o passado indígena, bem como identifica eventos históricos por meio de pesquisa documental em fontes coloniais onde é possível verificar a invenção de corpos indígenas abjetos. Vale apontar que algumas publicações anteriores demonstram os resultados parciais do projeto (ver BAPTISTA; BOITA, 2019; BAPTISTA, WICHERS, BOITA, 2019; BAPTISTA, 2021).

**Práticas indígenas em fontes coloniais, Sociologia, Antropologia e História (Brasil)**

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Até o momento, o projeto tem investido na identificação de fontes históricas coloniais e na revisão bibliográfica sobre a temática. Evidencia-se, assim, que o interesse por estudos relacionados a práticas indígenas compreendida pelos brancos como sexuais é tema constante sobre nossos povos.

Múltiplos documentos coloniais desde os primeiros europeus que por cá estiveram assim o atestam. Em busca de seus próprios pecados, os cronistas coloniais localizaram em um conjunto de práticas indígenas o que chamam de “sodomia”, “pederastia”, “afeminização”, “masculinização”, entre outros temas próprios de olhos tomados de culpa, terror e desejo. Tal como demonstrado anteriormente (BAPTISTA, 2021; D'EVREUX, 1874, p. 230-234), o levantamento destas fontes coloniais tem demonstrado não apenas como eram existentes práticas que envolviam sujeitos biologicamente pertencentes ao mesmo sexo, mas, sobretudo, que tais práticas não desfrutavam entre os povos originários de condenações morais, fenômeno que somente passou a ocorrer após a colonização. Ainda conforme demonstrado anteriormente e para além de tal constatação recorrente nos estudos indígenas que percebem o impacto da colonização, também se nota que os povos indígenas tão logo em contato com as categorias ocidentais de sexo, pecado, gênero e hierarquia, não poucos perceberam a necessidade de canibalização de tais categorias de modo que pudessem ingressar com segurança no novo mundo que se abria (BAPTISTA; WICHERS; BOITA, 2019; BAPTISTA, 2021).

Do mesmo modo, as ciências humanas brasileiras se interessaram pela temática, como bem se vê na Antropologia e Sociologia. Estes importantes campos do saber parecem ter se visto obrigados a tratar de determinadas práticas que escapavam do estereótipo do *bom selvagem*, mas o fizeram com muitas ressalvas. Dois exemplos entre tantos: Kurt Nimuendaju introduz um precioso relato Apapokuva sobre cópula entre os másculos Sol e a Lua afirmando “por pouco que seja, quero acrescentar aqui o que mais consegui aprender sobre o sol e a lua” (NIMUENDAJU, 1987, p. 66); no que parece ser a inclusão do tema pela primeira vez em um estudo sociológico, encontramos em Florestan Fernandes o esforço reducionista em duas páginas: “parece-me que as práticas sodomíticas dos Tupinambá devem ser encaradas em termos dessas dificuldades na

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

obtenção de parceiras sexuais” (FERNANDES, 1963, p. 159-161). Quando o assunto é sexualidade indígena, como se percebe, parece mesmo que as autorias são tomadas por uma “cegueira ontológica”, como bem classifica FERNANDES (2015, p. 277).

No campo da História, o projeto está a construir um artigo que demonstra o papel dos historiadores no apagamento do tema, fenômeno que resultou na construção de uma História Indígena assexuada e avessa à diversidade sexual ameríndia.

Esse esforço dos intelectuais dedicados aos povos indígenas em apagar qualquer vestígio das práticas sexuais por eles consideradas imorais levou à construção de uma representação genocida. Trata-se daquilo que denominei inicialmente como um anti-objeto de pesquisa, o dos *indígenas heterocentros* ou *heteronormalizados* (BAPTISTA, 2021). Nessa construção, historiadores, antropólogos, arqueólogos e literários trataram de reduzir ou apagar qualquer dissidência entre o acro e o ceto, tratando o masculino e o feminino como isonômicos aos modelos ocidentais: aos homens, as matas e suas aventuras; às mulheres, os cuidados com o universo doméstico. Ao confundir concepções sobre os papéis sociais ameríndias com os recortes biológicos ocidentais, a ciência tratou de imaginar que dissidências sexuais eram assunto de brancos, e não de indígenas, argumento que comumente ainda se vê não apenas no senso comum ou na academia, mas até mesmo a circular entre lideranças indígenas contemporâneas.

O anti-objeto dos *indígenas heteronormalizados* faz parte de um conjunto de estratégias genocidas tanto contra indígenas quanto contra a população LGBT. Além de invisibilizar tais sujeitos indígenas dissidentes em uma série de aspectos sócio-culturais, um exemplo significativo dos estragos que esse anti-objeto causa pode ser percebido durante a difusão sem controle do vírus HIV por meio de uma combinação de preconceitos. Estimulado por uma Política Pública que entendia que o vírus atingia somente homossexuais ao mesmo tempo em que se supunha não existir indígenas homossexuais, o vírus encontrou vasto campo para se esparrar entre os povos originários e causou — e segue a causar — milhares de mortes indígenas, homossexuais ou não (ver PONCE; MUÑOZ; STIVAL, 2017).

Foi somente nos anos 90 que pesquisas antropológicas no Brasil passaram a demonstrar que determinadas práticas e corporalidades indígenas possuíam estatuto moral de difícil classificação aos olhos atuais e que, de fato, longe estavam de implicar

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em uma correlação à abjeção até a colonização alterar tal cenário, como se vê em CUNHA (1992) e MOTT (1994). No que diz respeito aos estudos de Mott, um texto próprio está a ser produzido, mas por agora vale apontar que seu interesse foi o de compilar uma série de documentos coloniais para comprovar a existência de uma homossexualidade universal, conforme prerrogativa da época, quando com muita frequência se dizia que tal sexualidade era um fenômeno meramente contemporâneo e capitalista.

Pesa, contudo, o silêncio da historiografia brasileira sobre o tema. Afora episódios relacionados a processos inquisitoriais, como se vê na abordagem de VAINFAS (2007), muito pouco se investiu sobre os povos indígenas no campo da sexualidade. Em uma rápida passada pela historiografia interessada em povos indígenas, é fácil perceber que ela é majoritariamente assexuada, quando muito está considerando questões de gênero. Sexualidade, homossexualidade, lesbianidade e transexualidade indígena não estão na pauta da História Indígena. Fico a imaginar a potência que a Lei 11.645, que versa sobre a obrigatoriedade sobre o ensino de História Indígena, poderia assumir ao se associar ao combate da LGBTfobia. Talvez este esquecimento fale muito mais do meio historiográfico brasileiro do que propriamente dos povos indígenas e das fontes documentais.

### **Queer Indigenous Studies**

Poucos anos antes dos primeiros estudos de Mott, nos Estados Unidos, publicam-se as pesquisas do historiador Will ROSCOE (1988; 1991) — estudos de fôlego, Roscoe inspirou uma geração de pesquisas onde a sexualidade indígena passaria a ser tema central. De lá para cá, o campo que pode ser chamado de *Queer Indigenous Studies* promoveu a sexualidade indígena enquanto objeto na medida em que este serve como porta analítica contemporânea tanto na América do Norte, por meio da identidade *Two Spirits*, quanto no Brasil, por meio do diálogo com o movimento social ou com a sigla LGBT e suas variantes (ver DRISKILL; FINLEY; MORGENSEN, 2011; FERNANDES, 2015; CARIAGA, 2015).

Esta abordagem *Queer* dialoga particularmente com outra, a *Queer of Color Critique*. Tal proposição, apresentada anteriormente (BOITA; BAPTISTA; WICHERS,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2020 e 2021), pressupõe que nós sujeitos BIPOC (Black, Indigenous and People of Color) podemos sim produzir interpretações sobre o passado de nossos ancestrais por meio de uma metodologia própria.

Neste sentido, o projeto está a investigar uma série de publicações levantadas durante meu pós-doutorado na McGill University, Montreal, Canadá, onde fui bolsista Muriel Gold ao longo do ano de 2019. Na ocasião, pude estabelecer diálogo com sujeitos que se reconhecem como *Two-Spirits*, ao mesmo tempo que aprofundar o acesso a uma vasta bibliografia do campo *Queer* indígena. Ao sistematizar estes livros e artigos, estou a perceber a potência de uma leitura propriamente indígena quando o assunto é o que para muitos se chama de sexualidade, mas bem pode ser entendida como espiritualidade, tal qual sugerem as autorias estudadas.

Neste sentido, percebo que há algumas características próprias desses estudos que estou a sistematizar em novo artigo:

a) a defesa da autoria indígena, opondo-se, assim, que tal tema venha a ser sobrepujado por autores brancos;

b) o entendimento de que espiritualidade e construção histórica não são experiências opostas mas, sim, que se fundem;

c) o exercício permanente da resiliência e da reconciliação, não apenas em relação aos brancos, mas, sobretudo, em relação às sociedades indígenas que se viram tomadas pela aversão à diversidade sexual;

d) um modo próprio de utilizar fontes históricas, onde não apenas documentos coloniais ou oficiais são utilizados, mas também sonhos, narrativas, poemas, performances e leituras cosmológicas que se opõem ao modo do estudo das *mitologias* propostas por autores brancos;

e) o combate quase exaustivo e repetitivo aos estereótipos que pesam contra os povos indígenas, onde a defesa de uma sexualidade fluída e uma vivência urbana se expressa como seu principal pilar narrativo;

f) ao contrário do que se vê na construção textual de brancos, tais estudos não procuram detalhar as práticas sexuais dos antepassados ou atuais, assegurando, assim, uma dimensão do segredo e intimidade, uma vez que o que está em jogo não é explorar práticas sexuais, mas, sim, concepções espirituais;

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

g) uma crítica constante ao movimento LGBT global, comumente compreendido como um agrupamento racista, de onde se vê a cobrança da inclusão do número 2 (de *Two Spirits*) à sigla, a saber, LGBT2;

Entre outras características, os artigos futuros do projeto objetivam demonstrar detalhadamente as autorias, obras e epistemológicas que caracterizam este campo.

## Considerações finais

Participar do Simpósio Temático nesta edição da ANPUH foi profundamente gratificante e contribui para recolocar algumas questões do projeto Entre o Arco e o Cesto.

Bom exemplo disso é que se inicialmente pensava em questionar a matriz branca e heterossexual imposta aos indígenas nos museus e na historiografia, o diálogo com pessoas trans, particularmente com Caio Tedesco, possibilitou que se entendesse que o questionamento era também à matriz cisgênero: “Não vejo o menor sentido em discutir a matriz heterossexual separadamente da matriz cis”, disse Tedesco durante os debates. Ou seja, aos sujeitos indígenas fluídos também pesa a cisnormatividade ocidental, como bem discutem as autorias indígenas (ainda que em outros termos), sobretudo que indicam a fluidez das corporalidades espirituais. Desse modo, se inicialmente me referia ao tema como uma crítica à representação dos “indígenas heterocentrados”, percebo agora que a esta se associa a cisnormatividade, o que implica em uma realocação nominal e analítica.

Ainda, foi bastante gratificante ver colegas investindo nos estudos Queer, percebendo, assim, que a aversão dos profissionais da História a tal ponto teórico poderá um dia ser superado.

Deste ponto em diante, está sendo possível pensar o impacto na construção de uma História e uma Museologia indígena pautada por uma abordagem *Queer*. Certamente, não será uma linhagem Queer indiferente aos debates raciais, como comumente se vê em outros campos, onde tal nomeação, ao fim, vale apenas para neutralizar as tantas intersecções que permeiam os sujeitos com sexualidades dissidentes da matriz branca, cis e heterossexual vigente.

Os resultados do projeto têm sido apresentados em eventos, publicações, capítulos de livros. Além disso, projeta-se a realização de uma disciplina nos programas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de pós-graduação onde leciono sobre o tema, até o momento com o título provisório *Corpo, Gênero, Sexualidade e Povos Indígenas: uma abordagem Queer aos estudos indígenas*.

## Referências

BAPTISTA, Jean. “Machorras” e “afeminados” indígenas: corpos abjetos nas Missões e Paraguai. *Revista Estudos Feministas*, [no prelo].

BAPTISTA, Jean. Entre o arco e o cesto: notas Queer sobre indígenas heterocentros nos museus e na Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 61, n. 17, 2021.

BAPTISTA, Jean. *O Temporal*. Dossiê Missões. Brasília/São Miguel das Missões: Instituto Brasileiro de Museus/Museu das Missões, 2015. Disponível em: [https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2015/09/Dossie\\_missoes\\_Temporal.pdf](https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2015/09/Dossie_missoes_Temporal.pdf),

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Patrimônios indígenas nos 80 anos do Museu das Missões. *Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 14(1), 2019.

BAPTISTA, Jean; WICHERS, Camila; BOITA, Tony. Mulheres Indígenas nas Missões: patrimônio silenciado. *Revista Estudos Feministas*, 27, 2019.

BELAUNDE, Luisa. “O estudo da sexualidade na etnologia”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 24, n. 24. 2015.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Roudedge, 1993.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARIAGA, Diógenes. “Gênero e sexualidades indígenas: alguns aspectos das transformações nas relações a partir dos Kaiowa no Mato Grosso do Sul”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 24, p. 441-464. 2015.

CHAMORRO, Graciela. *Decir el cuerpo*. Asunción: Tiempo de Historia, 2009.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

CLASTRES, Pierre. “O Arco e o Cesto”. In: *A Sociedade contra o Estado*. Francisco Alves, p. 71-89, 1978.

CONNELL, Robert. “Globalization, Imperialism, and Masculinities”. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, Robert (orgs.). *Handbook of Studies on Men and Masculinities*. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 71-89.

CUNHA, Manuela. “Introdução a uma história indígena”. In: *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-24.

D'EVREUX, Ivo. Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613-1614. Maranhão: Typ. do Frias, 1874.

DRISKILL, Qwo-Li; FINLEY, Brian Joseph Gilley; MORGENSEN, Scott Lauria. *Queer indigenous studies: critical interventions in theory, politics, and Literature*. Tucson: Arizona Press/University of Arizona, 2011. p. 97-111.

FERNANDES, Florestan. Organização social dos Tupinambá. São Paulo, Difusão Europeia, 1963.

FERNANDES, Rafael. *Decolonizando sexualidades*. 2015. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Estudos Comparados sobre as Américas do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas) — Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GÂNDAVO, P.. *Tratado da terra do Brasil*. Brasília, Senado Federal, 2008.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *História de Lince*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MCCALLUM, Cecilia. “Nota sobre as categorias ‘gênero’ e ‘sexualidade’ e os povos indígenas”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.41, 2013.

MOTT, Luiz. “Etno-História da Homossexualidade na América Latina”. Seminário-Taller de História de las Mentalidades y los Imaginarios, 1994.

NIMUENDAJÚ, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos apapocúva-guarani. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PONCE, P., MUÑOZ, R., STIVAL, M.. Pueblos indígenas, VIH y políticas públicas en latinoamérica. *Saúde Coletiva*, 13, 2017.

RAMOS, Antônio. *Tribunal de gênero*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

ROSCOE, Will. *Living the Spirit: A Gay American Indian Anthology*. Nova York: St. Martin's Press, 1988.

ROSCOE, Will. *The Zuni Man-Woman*. University of New Mexico Press, 1991.

SAMPAIO TUKANO, Daiara Hori Figueroa. *Ukushe kiti niishe. Direito à memória e à verdade na perspectiva da educação cerimonial de quatro mestres indígenas*. 2018. Mestrado (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília, Brasília, DF.

SEGATO, Rita. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial”. *E-Cadernos Ces*, n. 18, p. 105-131. 2012.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: EDU Unicamp, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. “Inquisição como fábrica de hereges”. In: VAINFAS, Ronaldo; FEITLER, Bruno; LIMA, Lana (orgs.). *A Inquisição em Xeque*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História**  
**Rio de Janeiro/RJ, 2021**